

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: *811*

Data: *25.11.83*

Pg.: \_\_\_\_\_

190

Tendências / Debates

Os artigos publicados com assinatura dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

O homem-que-ri, os lordes e a causa indígena

ORACY NOGUEIRA

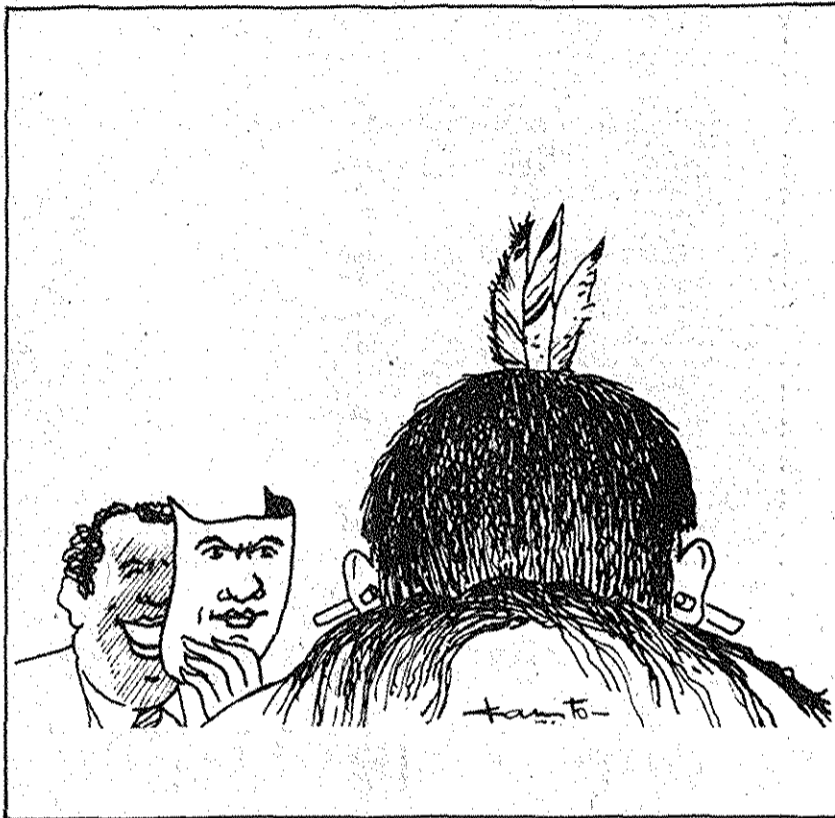
Decadas após a leitura, minha memória terá introduzido deformações no enredo do livro "O homem-que-ri", de Victor Hugo. Bastaria uma releitura para recuperar a estória tal como foi escrita. Não me dou, porém, a esse trabalho, pois sejam quais forem as deformações, sua correção em nada alteraria a metáfora que me leva a evocar a obra do escritor francês.

Um grupo de ciganos rapta um menino e lhe mutila os lábios para que fiquem permanentemente entreabertos, num perpétuo sorriso. O menino é incorporado ao grupo e com ele viaja, de cidade em cidade, de feira em feira, compartilhando de sua vida nômade a aventureira, até que, já moço, sua identidade é restaurada e ele tem acesso à Câmara dos Lordes. Ao ser introduzido nesta, ele, que havia sido socializado em condições inusitadas e havia tido experiências inimagináveis pelos membros daquela aristocracia, dirigiu aos pares um discurso veemente, um eloquente libelo contra os privilégios de nascimento.

Enquanto falava, o estreante daquele círculo de privilegiados tinha que exercer um esforço quase sobrehumano para manter próximos os resíduos dos lábios mutilados para que o riso involuntário não perturbasse o efeito dramático das palavras, dos gestos e do olhar sobre o auditório. Quando estava mais empolgado em seu discurso, o jovem não conseguiu vencer a fadiga e, involuntariamente, deixou que a boca se abrisse e que um riso alvar, em descompasso com as palavras e gestos, levasse os ouvintes a uma estrondosa gargalhada que lhe anulava a mensagem.

A impotência do deputado Mário Juruna para comover seus pares da Câmara de Deputados e os protagonistas em geral do processo de decisão sobre questões políticas, no País, em relação aos problemas dos grupos indígenas remanescentes e, especificamente, ao drama dos índios pataxó, faz-me lembrar a estória do "homem-que-ri". Se o riso perpétuo deste era uma máscara que interferia em sua mensagem como um ruído (usando um termo da teoria da comunicação) infernal, o mesmo se pode dizer do estereótipo que o preconceito afivela na face do índio. O estereótipo é, ao mesmo tempo uma máscara afivelada ao rosto do discriminado e uma venda que distorce a percepção de suas mensagens pelo discriminador.

Nenhum segmento da população tem sido mais mitificado, no Brasil, do que o indígena. De um lado, há o estereótipo do índio que o contrapõe ao "civilizado": o índio é visto como agressivo, indolente, atrasado, estúpido, infantil, enfim, como inaproveitável para a "civilização", isto é, para os compromissos de uma sociedade capitalista ou urbano-industrial. De outro, o do índio romântico, ingênuo, estilizado, da literatura indianista. Ambos são



maniqueístas e contribuem para a aceitação da fatalidade da extinção dos grupos indígenas.

A própria Antropologia tradicional contribuiu, com o aval da ciência, para a constituição de uma imagem negativa do índio e das populações pré-letradas, em geral, tachando-as de "prelógicas" e "mágicas" como se as sociedades a que pertenciam os antropólogos fossem isentas de irracionalidades e de manifestações de magia. Ainda que corrigidas pela Antropologia moderna, tais noções continuam vigentes nos círculos não especializados, até (se não principalmente) nos mais instruídos ou letrados.

Em artigo publicado em 13 do mês corrente no Folhetim, Laymert Garcia dos Santos mostrou como membros do Legislativo, agentes do Executivo e até aliados e defensores do deputado Mário Juruna, foram quase unânimes em admitir sua inferioridade em relação aos não índios. Como índio deputado ou deputado índio, Juruna foi enleado na teia dos estereótipos.

Enfim, os estereótipos correntes sobre o índio tornam difícil, se não impossível, aos não índios tomar a sério um interlocutor índio. O índio tende a parecer sempre risível — grotesco, desajeitado, simplório. Só com um esforço determinado de imaginação alguém consegue, por exemplo, colocar-se no papel do deputado Mário Juruna e vislumbrar a frustração que há de acompanhar seu intento de mobilizar a sociedade nacional em prol dos grupos indígenas.

Vindo em apoio ao deputado Mário

Juruna, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha e a advogada Eunice Paiva relataram, em artigo publicado, na "Folha", em 18 do mês de outubro, as agruras por que têm passado os índios pataxó: esbulho de terras, intimidação, precária e lenta proteção judicial. Enfim, uma reedição de vicissitudes passadas do mesmo e de outros grupos indígenas.

De fato consumado em fato consumado, torna-se cada vez mais problemática a sobrevivência da população indígena do território nacional.

A irreversibilidade dos fatos consumados gera o mais insidioso argumento e um consenso tácito, em desfavor do índio. Afinal, toda a população não índia é beneficiária, de um modo ou de outro, dos fatos consumados em seu detrimento. Numa ocasião em que se propunha a devolução dos negros da América à África, o famoso ensaísta negro Eugênio Dubois ironizou: "Estou de acordo. Devemos devolver os negros à África; os brancos à Europa e a terra... aos índios!"

Não se trata de fazer a roda da História girar para trás assim como também não temos que repetir as façanhas (ou as atrocidades) de nossos antepassados. O problema tem que ser enfrentado tal como se apresenta hoje. Com uma população predominantemente urbana e uma proporção tão reduzida de indígenas, podemos ver a questão com maior distanciamento e objetividade.

ORACY NOGUEIRA é professor titular de Sociologia da Universidade de São Paulo e autor de vários livros, entre os quais "Família e Comunidade" e "O Brasil e o Nordeste".